



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ANTONIO CARLOS CORREA MARQUES

(depoimento)

2005

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias
Número da entrevista: E-91
Entrevistado: Antonio Carlos Correa Marques
Nascimento: Não informado
Local da entrevista: ESEF/UFRGS
Entrevistadores: Luanda Dutra e Camile Romero
Data da entrevista: 02/05/2005
Transcrição: Vicente Cabrera Calheiros
Conferência Fidelidade: Vicente Cabrera Calheiros
Copidesque: Marco de Carvalho
Pesquisa: Camile Romero / Marco de Carvalho
Fitas: (01 fita) 91/01-A e 91/01-B
Total de gravação: 50 minutos
Páginas Digitadas: 30
Catálogo: Vera Maria Sperandio Rangel
Número de registro: 02101/2010/01
Número de registro da fita: 02101/2010/01
Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

MARQUES, Antonio Carlos Correa. *Antonio Marques (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Início do envolvimento com a ESEF: locais das aulas práticas, professores, modalidades; envolvimento com o tênis: prática da modalidade, envolvimento com a massagem, preparação física de atletas, influências, reconhecimento, viagens; envolvimento com a Universidade; relato de fatos do período de aluno da ESEF: uniformes, relação aluno-professor; envolvimento com tenistas importantes.

Porto Alegre, 02 de março de 2005. Entrevista com Antonio Carlos Correa, a cargo das entrevistadoras Luanda Dutra e Camile Romero, para o Projeto ESEF 65 anos, do Centro de Memória do Esporte.

L.D. – Como que era...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

A.M. – Da Escola aqui? Bom, seguinte, eu era professor em Rio Grande¹, gostava muito de educação física, era um atleta que fazia arremesso, corrida, saltava, só não nadava muito, mas nadava uns 3000 metros. Então era um cara que participava de todos os esportes e fazia massagem também. Era uma vida esportiva. Mas eu fui professor, era professor lá, em um colégio noturno.

L.D. – Com que idade?

A.M. – Eu tinha 17 anos, 16 anos e já era professor em um colégio noturno para adultos. Tinha uma vila, pelo município, tinha uma verba e aí me pagavam. E eu sempre fazendo time e jogando também, jogava basquete de manhã, corria ao meio-dia, às duas horas jogava futebol e de noite ainda ia praticar esporte. Então era meio fanático por esporte. E, em Rio Grande, não tinha professor de educação física, tinha o [palavra inaudível] um alemão e, no resto, não tinha. Então eu vim para cá para tirar educação física e me inscrevi aqui na UFRGS² para fazer o vestibular e o vestibular era bem difícil aqui porque tinham muitas provas práticas de primeira: tinha que correr, nadar, subir na barra, fazer volta na barra. Quer dizer, o cara tinha que ser meio atleta, não era assim só o cara escrever que já saía cursando educação física. Então a gente era... Entrava bastante gente no curso, quer dizer, entravam não, se inscreviam bastante gente no vestibular e, quando chegava naquela prova de barra, de fazer uma volta, ficava quase a metade.

L.D. – Fazer uma volta?

¹ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A.M. – É, tinha que agarrar na barra, se balançar, levantar o corpo e fazer uma volta na barra. E tinha que nadar, correr e, conclusão do curso, pela parte social do vestibular, tinha que fazer uma caminhada no morro da polícia: subir por um lado e descer pelo outro [riso]. Era um negócio para... Então, para entrar na educação física, era um cara mais ou menos forte, tanto é que eu era o mais baixinho da turma, todo mundo queria lutar boxe comigo [riso] só porque era o menor. Foi engraçado porque eu vim fazer o vestibular, mas não com confiança de passar, de fazer medicina, esses troços assim. Eu queria fazer... Então eu vim para cá e me saí muito bem, porque, nas provas práticas, eu consegui passar e havia aquela prova escrita e a gente escreveu. Teve matemática, português, inglês, essas coisas assim e depois tinha prova prática. Eu passei nas escritas todas e fui para a prática e eu achava que eu não ia conseguir por causa da barra, nunca fazia barra na vida, nadar eu nadava mais ou menos, tanto que havia uns caras engraçados no vestibular que teve gente que... Tinha que ir no fundo buscar uma pedra e voltar, na piscina do Petrópolis³. Teve gente que... Tinha um que ia ao fundo e não voltava, tinha outro que não conseguia ficar em cima da água - tinha que boiar depois e ele não conseguia boiar. Então era uns negócios assim, era muito engraçado a nossa prova, mas foi a primeira vez que entrou bastante mulheres.

L.D. – Em que ano que o senhor fez o vestibular?

A.M. – Isso foi em 1960. Foi quando entrou bastante mulheres, porque não tinham gurias, mulheres, essas atletas, super atletas, mas daí mais ou menos... E também não entrou jogador de futebol. Entrou alguns jogadores de futebol, mas não entrava muito não. E também outra coisa, foi divulgado no interior, então veio muita gente pobre. A gente tinha que saber mesmo porque veio muita gente do interior. Caxias⁴ veio muita gente, Sebastião do Cai⁵, de alguns lugares, aí chegava a vir oito caras para o vestibular. Nós fomos aprovados, foi uma coisa boa. A outra coisa que também houve nisso foi aqueles trotes que fizeram. Só queriam dar trote em nós, de tudo que é jeito. Então a gente tinha que ir lá na praça da Alfândega⁶ - depois de um desfile, ou sozinho, todo mundo sozinho, só educação física - e teve que tomar banho, fazer uma olimpíada no chafariz [risos]. Foi uma sujeira braba, tinha que nadar, pular correr na água e depois largavam a gente todo sujo e tal. Foi

³ Petrópole Tênis Clube, fundado em 07 de setembro de 1941.

⁴ Caxias do Sul, cidade do Estado do Rio Grande do Sul

⁵ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

⁶ Localizada no Centro da cidade de Porto Alegre

legal. Aí eu consegui. E a outra coisa também, depois teve o desfile - a educação física não desfilava muito nesse negócio aí - nos botaram porque a gente queria fazer parte da UFRGS, porque a ESEF⁷ era meio particular. Aí a gente desfilou e tal. Mas aconteceu assim, que a educação física era lá na ACM, Associação Crista de Moços⁸, que cedeu as salas, algumas dependências para a educação física. A gente entrou lá, com a promessa que eles estavam construindo aqui, era um campo só, não tinha nada e o professor Gaelzer⁹, o diretor, era um alemão, um [palavra inaudível] forte. Ele foi um dos caras que criou a recreação pública no *Brasil*, o pessoal não sabe mas ele foi um dos caras que trouxe a educação, a recreação pública para o Brasil. Foi um cara assim que criou a recreação em Porto Alegre¹⁰. Também pegava essa gurizada de rua para fazer esporte para acabar com esse pessoal e também gostava muito dos escoteiros. Também era escoteiro, caminhava 25 quilômetros em um dia, [palavra inaudível] do esporte. Eu acho que, quando a gente entrou na Escola de Educação Física, começou a sofrimento, porque a Escola... O banho era frio [riso], não tinha banho quente. No inverno agüentava banho frio, a piscina para nós também era banho frio, porque era o Petrópolis que emprestava, só de noite, só de manhã cedo, das 07:00 às 09:00 podia emprestar a piscina, do contrario não. Então a gente só podia ter aula de piscina quase no fim do ano, um período melhor. O União¹¹ também emprestava uns barcos para a gente remar e também era emprestado, lá no União, um barco, não de muito boa qualidade. De manhã cedo também a gente sofria, passar para a lancha do outro lado e um baita frio, a gente de calçãozinho e o professor era o Derick¹², um professor fanático por natação, sabia bastante coisa. O peixinho¹³ também botava nós na água. A gente tinha que nadar de montão. Então era um pouquinho de sofrimento. Na época que tinha educação física, que iniciaram, que eu fiz parte da educação física, a Escola de Educação Física tinha muitos esportes. A gente tinha muitas matérias, tinha 18 matérias. Não é como hoje que divide em cadeiras. Meia dúzia de cadeiras, termina. Mas era assim, a gente tinha parte teórica das 07:00 às 09:00, depois tinha a parte prática até 12:00. Isso aí não tinha moleza. A gente tinha... Os esportes que mais chamavam a atenção

⁷ Escola de Educação Física.

⁸ Fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

⁹ Frederico Guilherme Gaelzer

¹⁰ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

¹¹ Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

¹² Derick Oscar Ely

¹³ Jayme Werner dos Reis, conhecido como “peixinho”

que agora nem parece que tem: nós tínhamos boxe e tinha que lutar boxe e eu sentia porque era o menor, todo mundo queria me dar [riso], tive que bater mesmo, praticar boxe fora da Escola. Tinha boxe, esgrima, tinha florete, tinha espada, espada “chim”. A gente queria lutar espada “chim”. Depois tinha... Isso nas lutas que eram mais... Todo mundo... Tinha muito cara forte também, uns caras altos, um metro e pouco, um metro e oitenta, um metro e noventa. Depois a gente tinha o basquete, o vôlei, era bom, o basquete, o vôlei, tinha o handebol, mais ou menos, não tinha, só se tinha noção, não se entrava muito, era mais cultura de futebol e tinha mais esportes coletivos que eram os esportes coletivos que a gente tinha. E tinha bola americana aquela também, atirava a bola para o outro e derrubava. E depois tinha natação, pólo-aquático, remo. É isso. Natação, remo, os quatro estilos. Então a gente tinha e também tinha saltos de trampolim que era um negócio, tu tinha que pular lá de cima, se atirar dentro da água de qualquer jeito [palavra inaudível]. Quando entrava, já estava cortando o cara ao meio. Mas o professor de educação física era tido como um cara bem forte, sadio, não tinha nada. Então a gente puxava e as gurias também. Depois nós tínhamos dentro dos esportes ainda, tênis, também já havia tênis.

L.D. – Tinha tênis?

A.M. – Tinha tênis também, não na ACM porque não tinha quadras. A ACM era poucas quadras, a gente fazia uma coisa depois da outra, outra pelos cantos. Tinha ginástica geral, que era muito importante a ginástica geral entre as ginásticas como um todo. Tinha ginástica rítmica para homem. Então, quem se escrevia, tinha a professora, ela dava ginástica rítmica para homens.

L.D. – Quem era a professora?

A.M. – Parece que era Inês¹⁴ uma, e a outra era Toni¹⁵, que até hoje é a professora Toni, ela dava. E eu entrei para a ginástica rítmica feminina, fiz alguns cursos, mas foi, para mim foi muito bom porque, quando eu fui lecionar no Protásio Alves¹⁶ - que eu fiquei 32 anos como professor lá - eu peguei turmas femininas e nunca mais me deram turmas

¹⁴ Nome sujeito a confirmação

¹⁵ Antônia Seitz Petzhold

¹⁶ Colégio Estadual Protásio Alves

masculinas. Quer dizer que eu me saí bem [risos]. Eu fiz também uma demonstração no campo do Grêmio¹⁷ - foi umas das primeiras demonstrações no campo do Grêmio. Levei todas do colégio Protásio, as meninas, de saíinha, bandeirinhas, fazendo uma demonstração de educação física. E por um amigo meu que me convidou. E foi um sucesso e eu fiz o meu nome dentro do colégio com isso aí. Até hoje eu encontro as minhas alunas aposentadas nos colégios onde estão. “Bah, tu se lembra de quando fez aquilo”. Esses dias eu fui no hospital e o cara disse assim para mim: “Professor, o senhor se lembra daquela apresentação que o senhor fez? Eu era o cara que controlava a porta”. Eu disse: “Ah sim, eu me lembro de ti [riso]”. Trinta anos atrás. Não, foi um sucesso a demonstração no campo do Grêmio, tanto que eu me dava com o cara.

L.D. – Mas lá na Érico¹⁸, lá o Olímpico¹⁹ ou quando o...

A.M. – No estádio Olímpico, na inauguração do estádio Olímpico.

L.D. – E teve alguma aluna sua que fez educação física depois?

A.M. – Várias alunas, nem dá para dizer.

L.D. – Te lembra de alguma?

A.M. – Eu me lembro que várias alunas se inscreveram em educação física porque a gente entusiasmava o pessoal, alunos, vários também, a gente entusiasmava os caras. E depois eu consegui trabalhar também na Prefeitura de Porto Alegre, arrumei um estágio, estagiário. Consegui um contrato de estagiário e fui ficando e me aposentei lá agora. E eu trabalhava nas pracinhas fazendo educação física, ensinando o pessoal, era as pracinhas de maloca. Me botaram na Garibaldi que era uma das mais difíceis e era cheio de [palavras inaudíveis] incorrigíveis, cheio de presos, cheio de caras que fugiam do presídio e iam para lá. Eu organizei os banhos, eu organizei a natação que o pessoal levava de ônibus lá fora. Assim, eu fiquei um cara muito dedicado nessa parte de recreação pública e também fui tocando

¹⁷ Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.

¹⁸ Avenida Érico Veríssimo

¹⁹ Estádio Olímpico Monumental, inaugurado no dia 19 de setembro de 1954

com esporte para os colégios, fui tocando assim várias coisas, campeonatos, e tal, fui juiz de futebol, abriu um campo para mim.

L.D. – O senhor se lembra de alguma aluna sua? Quando o senhor era do Protásio e que o senhor tenha influenciado? E que depois tenha feito educação física?

A.M. – Tem, mas não me lembro, quer dizer, daqui a pouco eu me lembro.

L.D. – Daqui a pouco o senhor lembra.

A.M. – Tem uma que está na... Que é professora no Protásio e aí a gente... Bah, mas tem gente sim, é só eu me lembrar. Então a gente conseguiu entusiasmar esse pessoal na recreação pública da Prefeitura. Consegui também trabalhar nas praças. Teve várias passagens nas praças que a gente... Como professor de educação física, instituí o banho na praça, tal horário para as gurias, tal horário para os homens e fiz a equipe. Eu sei que eu recuperei gente que, se continuasse na praça, era bandido. Tem outros que eram ladrão mesmo. E nós, com o esporte, recuperamos. Consegui colocar um no Internacional²⁰, consegui colocar outro em um serviço aí, consegui outro ser professor de tênis. Eu entusiasmei um bolão de professor de tênis, porque, depois que eu entrei no tênis, eu comecei a puxar meus alunos, os caras que ficam numa pracinha que só tinha tênis. E lá eu comecei a ensinar e também levava para o Leopoldina²¹ alguns caras que ficavam o dia todo jogando lá, que jogavam, que tinham boa resistência, levava para lá.

L.D. – Tem o nome de alguém, que o senhor lembra?

A.M. – Tem o Gil Freidite²² da educação física, tem o Chocolate²³, que chamam de Chocolate. Sabe quem é? Aliás, eu acho que até tenho algo desse cara escrito, mas não pode falar que eles eram ladrão [riso]. Deixa eu ver, eu tinha até um cartão, tu vê, eu tinha

²⁰ Sport Club Internacional, fundado em 4 de abril de 1909.

²¹ Associação Leopoldina Juvenil - Clube Recreio Juvenil, fundado em 1863. Em 1941 funde-se ao Sociedade Leopoldina Porto-Alegre formando a Associação Leopoldina Juvenil.

²² Nome sujeito a confirmação

²³ Nome sujeito a confirmação

até um cartão do cara aqui [procura o cartão em uma pasta com fotos, e reportagens antigas].

L.D. – Ele fez educação física também?

A.M. – Não, esse não, esse ficou professor. Cadê o cartão, esta aqui, é este cara aqui. Eu influí nesse cara para ele jogar tênis, auxiliei o cara dentro da praça, depois ele saiu no jornal. Depois ele roubou uma bolsa de uma mulher e botaram ele no jornal como bandido. Depois nós demos outra mão para ele de novo. Agora tu vê, ele tem uma quadra dessas que ele administra. Ele é um cara que tomou nome no Petrópolis e vários outros. É, tem um bolão de gente. Esse até é aqui perto, eu acho.

L.D. – É aqui perto. E como que o senhor se envolveu como tênis?

A.M. – Bom, essa é a parte da educação física, que a gente entrou na Escola. Só que eu vi um negócio: eu comecei... Das matérias que eu estudava muito, porque era a mais difícil que tinha aqui...

L.D. – Qual era?

A.M. – Era cinésiologia.

L.D. – E quem que dava?

A.M. – Era o Ruy Gaspar Martins, cara que não dava 10 para ninguém. Eu consegui fazer um trabalho, era uma outra turma e nós conseguimos fazer um trabalho mais perfeito, sobre lances no basquete. Consideraram o mais perfeito e ele deu a nota para nós: 9.75 [risos]. A mulher dele, ele também rodou. Ele rodava a mulher, dava nota baixa para a mulher dele. Quer dizer, era um cara assim, tinha uns professores meio fanáticos.

L.D. – Qual era o nome da mulher dele?

A.M. – O nome dela eu não me lembro, Martins... Ele era Ruy Gaspar Martins. Mas ele era uma sumidade, ele sabia demais. Então, a gente tinha que se matar, porque a cinésiologia [palavra inaudível] muscular e de osso. Mas eu, em primeiro eu saí meio mal, mas depois eu botei na cabeça que eu tinha que estudar mesmo. Eu fui o primeiro aluno da Escola de Educação Física a morar na casa do estudante da UFRGS, que não era permitido morar um aluno da educação física lá.

L.D. – Por que não era permitido?

A.M. – Porque a educação física não era bem da UFRGS. A nossa educação física era meio estadual, depois que ela foi passando para federal. Então foi uma briga para passar para federal. E a gente queria, os professores queriam e o governo não queria porque, quem dava tudo, era o governo, mas depois foi ficando caro para o governo e o governo queria que nós passássemos para federal. E aí era aquela briga, até que a gente conseguiu, foi uma luta também. Nós tivemos aqui também uma vez... Tinha um... O professor Gaelzer estava, não sei a dez, doze anos como diretor e o negócio, não sei, não evoluía muito. Tinha muita gente contra, mas ninguém conseguia fazer nada e, no meu quinto período, não. Na primeira vez que eu estive na Escola, na ACM, a gente fez um levante lá e uma briga tremenda, os alunos de greve.

L.D. – Greve de alunos?

A.M. – É, foi uma confusão, um movimento para tirar ele e tiraram. Tinha uns caras fortes, o professor Washington era um cara muito forte.

L.D. – Washington Gutierrez.

A.M. – É, Washington Gutierrez era aluno na época e ele fez o movimento e conseguiu balançar o negócio.

L.D. – E o senhor participou do diretório?

A.M. – Esse diretório aqui na Escola foi mais nova [palavra inaudível] terminar meu curso, mas eu estava na ACM.

L.D. – E o senhor participou?

A.M. – Todos... Tinha que participar todo mundo.

L.D. – Tinha que participar do diretório?

A.M. – Todo mundo participava, era muito ativo e tinha carteirinha. Se não participasse, não ganhava carteirinha. A gente pagava uma taxa pequena lá.

L.D. – E como que fazia na época da repressão política?

A.M. – Isso não foi mole. Eu fui preso lá em... Quando ia para São Paulo²⁴ com a seleção brasileira, gaúcha - nós íamos jogar em São Paulo - nos prenderam em um avião, tiraram o avião, botaram lá [palavra inaudível] uma confusão. Os caras quase morreram [palavra inaudível] já morreu, o presidente, eu grito: “Pelo amor de Deus” [riso]. Nós estávamos nas tropas, aí as tropas de [palavra inaudível] nos botaram no DEEF’s, Departamento de Educação Física, toda a equipe de voleibol, porque nós iríamos ser recebidos pelo Jango²⁵. Pelo Jango nós seríamos recebidos e pela mulher dele também. Então nós recebemos roupas novas, tudo para ir. Quando nós estávamos subindo, quando estava aqui, disseram: “Olha, começou o levante”. Era 1964, começou o negócio e a gente estava meio na [palavra inaudível]. Aí subimos no avião: “Vai embora”. Subimos no avião, chegou em São Paulo: “Prende. Desce todo mundo. Recolhe o avião. Bota os caras lá”. Aí nos botaram lá no DEEF’s e chegaram as tropas [palavra inaudível] de noite [palavra inaudível] caminhão quebrado, uma miséria, água poluída, tudo com diarreia e nós todos, os homens em um quarto e as mulheres em outro. Os caras entraram lá de baioneta, como se fossemos bandidos, revistaram tudo, foram no quarto das gurias e revistaram também, eu não podia fazer nada. Permanecemos calados. Chegamos de noite e depois eu cheguei assim em um negócio e ia saindo de lá e disse: “Ué, nós somos de vôlei” e tinha um cara...

²⁴ Capital do Estado de São Paulo

²⁵ João Belchior Marques Goulart, presidente do Brasil de 1961 a 1964

O comandante das tropas [palavra inaudível] era o Antonio²⁶, Toninho o cara e ele tinha jogado com nós aqui na seleção de vôlei.

L.D. – Vocês se conheciam?

A.M. – Mas ele estava tão barbado e tão [palavra inaudível] com diarreia, que era magro, que olhando assim. Aí os caras assim: “Quem que é?”. Eu cheguei e disse: “É, nós somos a equipe de vôlei”. Bom, nós não falávamos com ele, mas eu falei.

L.D. – Alguém tinha que salvar.

A.M. – Claro, o cara estava do meu lado: “E aí, tudo bem?”. “Tudo bem”. “O que está havendo?”, eu disse. “Estou caminhando aqui e aí?”. “Sou do time de vôlei. Podia até fazer um treinho”. Como é o teu nome?”. “Antonio, Toninho”. “Tu é o Toninho? Tu jogou a Universiade²⁷?”. “É, eu também”. “Comandante, e tu quem é?”. “Sou o comandante das tropas, e aí, como que é o treino?”. “O que vocês estão fazendo aqui?”. “Sou da equipe de vôlei”. “Bah, mas não é possível [palavra inaudível] não senhor, vocês vão jogar o campeonato, eu vou arrumar o caminhão”. “Nós podemos fazer um treinho com os soldados? Botou todos os soldados lá, convidamos ele para jogar e nós jogamos tal. Aí mudou, nós éramos... Descobrimos com ele que... Por isso que eu digo que o esporte abre as portas. Abriu as portas para nós, ele deu um caminhão. Terminou que conseguimos condução e fomos pegar um avião e fomos para Brasília²⁸. Chegando em Brasília, ainda disputamos [palavra inaudível] disparando já.

L.D. – [palavra inaudível]

A.M. – É, já estamos cheio por causa de um avião lá no meio, botando dinheiro para dentro do ônibus, do avião, dinheiro em saco, era dinheiro, e o pai da Ângela²⁹, um amigo nosso aqui, pegou um avião [palavra inaudível] parece que não dava para ele sair. E ele pegou o

²⁶ Nome sujeito a confirmação

²⁷ Jogos Mundiais Universitários, organizados pela FISU (The International University Sports Federation). A Universiade aconteceu em Porto Alegre entre os dias 30 de agosto e 09 de setembro de 1963.

²⁸ Capital do Brasil

avião na marra e os soldados, os caras, que estavam lá meio maneirando e a gente chegando, foi uma confusão. E disputamos o campeonato e valeu a pena.

L.D. - Era o time masculino que foi?

A.M. – Masculino e feminino.

L.D. – Te lembra de quem estava jogando?

A.M. – Do masculino... Bah, o Mosquine³⁰, aliás deixa eu dar uma olhada nessas fotos [entrevistado procura em uma pasta com várias fotos]. Esse aqui era o esporte universitário. Essa equipe aqui era de basquete. Essa era a de vôlei. Aqui era a turma do vôlei, essa turma aqui, olha que tal. Esse aqui é o Thomas Koke³¹ e esse aqui é o Rod Laver³², o melhor jogador do mundo. A gente jogou uma vez aqui em Porto Alegre, tomaram [palavra inaudível] dele, foi uma sensação.

L.D. – Quem é o Thomas Koke? [procurando em uma das fotos]

A.M. – Thomas Koke, é esse cabeludo.

L.D. – Será que a gente acha ele?

A.M. – Achar ele? Ele mora no Rio³³. Mas ele vem aí às vezes. Pode ser que ele venha dia oito, aqui, dia oito. Do dia 15 a 26 tem a Copa Gerdau. Esse aqui é o [palavra inaudível] [volta a mostrar as fotos]. Esse aqui sou eu fazendo parte da seleção do Brasil, chefe de delegação e foi contra o Chile.

L.D. – Então tu descobriu o tênis na Escola?

²⁹ Nome sujeito a confirmação

³⁰ Nome sujeito a confirmação

³¹ Nome sujeito a confirmação

³² Ex-tenista australiano

³³ Rio de Janeiro, capital do Estado do Rio de Janeiro

A.M. – Não, o tênis foi assim, eu era do Internacional, de futebol, estava no Internacional...

L.D. - Como massagista?

A.M. - Como massagista e preparador físico juvenil lá. Aí o doutor me convidou para - por que eu jogava tênis aqui pela Escola - se eu queria trabalhar na Copa Davis.

L.D – Quem te convidou?

A.M. – O doutor Maciel³⁴ que era formado aqui pela Escola também porque tinha medicina do esporte. Então o doutor Maciel disse se eu queria trabalhar lá. Aí os caras disseram que precisavam de um massagista: “Bom, é o Moura, mas tem um cara aí que é bom, tirou faculdade, é universitário, é um bom cara” não sei o que. Aí fui eu, cheguei lá e me deram a seleção brasileira para fazer massagem [riso]. Eu entrei ali e comecei a olhar e não tinha preparador. Eu disse: “Ué, não tem preparador”?...

L.D. – Mas como?

A.M. – Mas eu falei: “Ué, esses caras tem que fazer exercício, tem que fazer movimento, tem que se movimentar”. Os americanos também queriam massagista, fazia massagem neles e a gente ficou. Eu fiz no [palavra inaudível] que foi um dos melhores do mundo, o moreninho aquele o [palavra inaudível] que morreu do coração. Então eu comecei a fazer massagem nos caras e o Thomas e os outros caras... Eu comecei a dizer: “Vocês tem que correr, vocês tem que fazer abdominal, está muito fraco a barriga”. E eu, naquele negócio de não falar com o Thomas [palavra inaudível] não falar muito sabe? Tratar os caras de senhor. Eu era acostumado com futebol, “vamos lá meu, tem que fazer força, vamos lá”, não sei o que. Comecei a botar a boca neles e a gente começou a fazer física, massagem, mas exercício físico também. E o Thomas não era muito disso, mas ele começou a gostar e o Brasil, pela primeira vez na história *do mundo*, até hoje, não ganharam mais, nós ganhamos dos Estados Unidos. Os tupiniquins aqui ganharam dos Estados Unidos. Então foi um negocio, nós estávamos... Quando eles chegavam, a gente reverenciava eles, só apertava a mão deles, diz: “Aquele cara é bom, aquele outro isso, aquele outro aquilo” e

realmente eram os melhores caras do mundo, mas o Thomas [palavra inaudível] e a Marina³⁵ quase iam lá pedir autografo para eles. Aí nós partimos para cima, ganhamos e deu câimbra nos caras. Nós não tivemos câimbra e os caras disseram... Então, quando houve um banquete lá, um cara disse assim: “O Brasil teve até preparador físico”, não sei o que. Os caras me aplaudiram, tive que me levantar. E o clube perguntou: “Tu não queres ficar trabalhando aqui com a gente? Porque o que tu estás fazendo, ninguém faz”. Era preparo físico para a gurizada, o Thomas. Aí o Thomas disse: “Contrata o Marques” e a voz do Thomas era ordem, porque era o melhor e o pai dele era o fundador do clube [riso], ele era tudo lá dentro. O avô fundou o clube, o pai dele presidente do clube, ele era o melhor.

L.D. – Qual era o clube?

A.M. – Associação Leopoldina Juvenil.

L.D. – Foi o pai dele quem fundou?

A.M. – O avô. O avô dele fundou o Grêmio também. A família é de esporte. Me levaram, me contrataram para mim ficar trabalhando, eu só trabalhava das cinco as sete, porque eu trabalhava na Prefeitura. Antes eu trabalhei na polícia também, mas trabalhava na Prefeitura como professor e, só das cinco às sete eu ia para lá. Depois tentaram colocar mais horários. Aí o Thomas precisava viajar, já fiquei dando física para o Thomas mesmo, ele já me convidou para viajar. Aí eu viajei com a Copa Davis, tinha a seleção: “Ah, tem um cara lá no sul, o Marques, assim que dá”. E os caras me chamavam, eu ia, viajava com eles. Comecei a viajar para Argentina, Uruguai, Paraguai, Venezuela, tudo que o Brasil jogava, ganhava, e eu junto. Então já fiquei fazendo parte de uma equipe. Fui ficando com mais experiência, já fui me interessando, estudando mais o tênis. Eu joguei tênis aqui na Escola, mas era o tênis aqui da Escola. Já fui me interessando, fui ficando e o Thomas foi gostando e foi melhorando, eu fui botando mais físico nele. Eu comecei, por intermédio da cinesiologia, a criar exercícios para tênis, para ajudar no tênis. Exercícios, movimentos educativos que é para ajudar no tênis e realmente ajudou, porque, por exemplo, o cara tinha

³⁴ Nome sujeito a confirmação

³⁵ Nome sujeito a confirmação

um braço grosso e outro fino, entende? Hoje não. Hoje a gente faz a mesma coisa dos dois lados, ou mais de um lado do que do outro para ficar com os dois braços iguais. O tenista tinha a coluna assim, ninguém fazia... Eu comecei a fazer ginástica, dar exercícios para eles começarem a ficar... Comecei a dar exercícios fortes aqui assim, movimento de corrida e comecei a fazer vários exercícios para o tênis e ninguém sabia. Até que eu fui assim, o Vilas³⁶ mesmo, o preparador do Vilas veio falar comigo, ficou aqui no Brasil comigo, sabe assim, outros preparadores e eu fui começando a viajar. Ia no Equador, o cara não sabia fazer massagem, fazia massagem ao contrário, eu ensinei o cara a fazer para frente, na Venezuela o cara não dava física, eu ensinei o cara a fazer física, deixei uns desenhos lá. Eu fui na Argentina também, no Uruguai eu fiquei quase [palavra inaudível] porque o Thomas ganhava e eu ia sempre lá, foi quinze anos lá direto e comecei a viajar no Sul-Americano. Aí já me colocaram no Sul-Americano, eu já fazia parte do Brasil no Sul-Americano, então aqui foi uma delegação, aqui foi em Brasília, um Sul-Americano que teve em Brasília. E essa era uma delegação brasileira infanto-juvenil, aí já me deram infanto-juvenil porque os guris aqui do Leopoldina Juvenil começaram a ganhar tudo no Brasil, começaram a ser os melhores do Brasil, aí começaram: “Ah, porque eles tem física, eles tem preparador físico e tem o Marques³⁷”, não sei o que. E eu fui subindo e o Thomas me ajudando também e o Mandarin³⁸ também ficou meu amigo, queria que eu fizesse... Um monte de cara, todo mundo queria que eu fizesse alguma coisa de tênis. Nós dávamos clínica de tênis [palavra inaudível] do Internacional. Eu estava aqui. Nós fomos campeões na inauguração do estádio do Internacional.

L.D. – Bah, a inauguração do estádio.

A.M. – É, foi jogadores de basquete. E daí a gente foi... Eu fui entrando no tênis, devagar e sempre, chegou um ponto que eu fui para os Estados Unidos. O Thomas me convidou para ir para os Estados Unidos, passar três meses lá e sem família, pedir licença no Estado, na prefeitura e o governo dava, porque o CND tinha muita força e ele dava uma carta e a gente...

³⁶ Nome sujeito a confirmação

³⁷ Nome sujeito a confirmação

³⁸ Nome sujeito a confirmação

L.D. – Ia!

A.M. – Ia, ou ele davam dispensa, então eu entrava lá. Eu sei que, eu entrei nos Estados Unidos e foi um negócio muito bom para o Thomas, ele jogou muito bem, nesse período que nós fomos para os Estados Unidos. Eu fui até, olha, [pega uma folha] toma, lembrança. Tu vê, os caras me convidaram para mim dar um curso lá, pagaram até cento e poucos dólares, para mim foi bom, não me interessava o dinheiro, mas eu estava na universidade. Eu dava para física para ele e os caras assistiam eu dando física para o Thomas e o Thomas ganhava de todo mundo. Tinha um cubano nessa época que também fez, em 1971, estava lá, e ficou, o cubano. Ele me mandou, foi jubilado, foi aposentado e os filhos dele um é médico e o outro engenheiro, com tudo pago pela universidade e ele ficou esse tempo todo [palavra inaudível], há pouco tempo mandou um cartão de natal. Mas o cubano era de Cuba e era campeão de judô e ele dava judô na universidade e eu fui convidado. Foi bom, porque a carta está aí, não é mentira [riso] a gente fez. O Peter³⁹ esse era um grande técnico, era o técnico da universidade. E depois eu comecei a ajudar os caras a ir para os Estados Unidos, os jogadores de tênis a ir para lá, estudar lá e ter bolsa de estudo.

C.R. – Sim, quem que o senhor conseguiu que fosse fazer?

A.M. – Ah, um monte de cara, e tinha o Roberto Márcio⁴⁰ também que estava, que era nosso aqui e que tinha ido para lá porque o Thomas já tinha arrumado para ele. Então a gente começou a pegar, eu comecei a enfiar os brasileiros por lá, enfiava aqui [palavra inaudível] no fim tinha bastante brasileiro.

[FINAL DA FITA 91/01-A]

A.M. – Hoje é mais fácil, tem gente. Todo mundo que a gente treina, o cara: “Ah, eu posso ir para os Estado Unidos”. Um monte de gente foi.

L.D. – Qual é a menina que tu falaste?

³⁹ Nome sujeito a confirmação

⁴⁰ Nome sujeito a confirmação

A.M – Essa aí era a filha do presidente. Bom, mas o sucesso mais é que, ficando no Leopoldina, eu passei a treinar alguns guris bons e treinei a Nieve Dias⁴¹. Ela foi uma boa tenista, acho que eu influenciei. Agora estou começando a me lembrar, a Nieve Dias Enk foi uma das melhores tenistas da América do Sul. Eu viajava com ela, treinava ela. Tem o Luis Carlos Enck também - eu acho que esse aí também entusiasmei bastante para ser. Esse que aparece na televisão, na novela das oito. Não aparece um cara lá, que está lá com os japoneses da novela agora? É propaganda na novela das oito e aparece a Nieve Dias que eu levei ela para Roland Garros⁴², levei para Wimbledon⁴³, acompanhei ela. A gente jogou vários torneios no mundo assim, jogava na América do Sul toda. O pai dela passou ela para mim aqui. A gente cuidava dela e ela veio para o Leopoldina. O pai dela conseguiu um contrato com a Souza Cruz e os caras pagavam todas as viagens, e me pagavam para dar física para ela também. E depois eu fui, nós fomos para França, fomos para Itália, para Espanha, para Inglaterra, toda América do Sul. Com o Thomas eu viajei todos esses lugares assim, ia com ele. Não viajei mais com ele porque eu tenho família e eu fiquei meio com medo do cara não dar certo, ou o cara, ele era meio hippie, cabelo comprido, não sei o que sabe [risos]. E qualquer coisa eu tinha que conservar meus empregos aqui. O ideal era isso, porque nós não ganhávamos muito. Por exemplo, eu ganhava dez por cento do prêmio dele. Ele ganhou um prêmio de vinte mil dólares, eu ganhava dois mil, era um bom dinheiro. Hoje em dia o Guga⁴⁴ ganha 750 mil, o Larri⁴⁵ está com ele que foi também atleta. Eu dei uma força para ele quando ele estava aqui. Ele ganha 75 mil dólares.

L.D. – Tu deste uma força também para o Larri?

A.M. – Dei porque o Larri era um rapaz que era bolero no Novo Hamburgo⁴⁶. A mãe dele trabalhava na cozinha ou no vestiário e nós fizemos um curso para professor. Eu fiz um curso para professor de tênis, para os caras aprenderem a dar aula. Então nós fizemos uma clínica, como se chama. Quando nós fizemos a clínica, o Larri estava sentando e não tinha

⁴¹ Nieve Dias

⁴² O Torneio de Roland-Garros (Internationaux de France, French Open ou Aberto da França), realizado em Paris, na França.

⁴³ O Torneio de tênis de Wimbledon é o mais antigo torneio de tênis do mundo, e é considerado como o de maior prestígio.

⁴⁴ Gustavo Kuerten

⁴⁵ Larri Passos

⁴⁶ Sport Clube Novo Hamburgo

entrado na clínica. Daí eu convidei ele para participar da clínica. Ele era um cara que jogava, que gostava, era bolero, mas também jogava bem. Então eu convidei ele para entrar na clínica porque tinha uma vaga. Ele nem pagava nada porque também era meio pobre. Ele entrou e acho que foi um dos primeiros, acho que foi o primeiro diploma que ele recebeu como professor. Ali eles já começaram a ver o método de dar aula, como que fazia, essas clínicas aí. Mas foi dar uma força para ele naquele negócio. Ele começou a dar, depois eu quis trazer, aí ele ficou dando aula lá, tudo, o pessoal. Eu também quis trazer ele para o Leopoldina, os caras não queriam. Então ele não veio para cá, ficou por Novo Hamburgo⁴⁷. Depois ele pegou um guri, treinou um guri só, o Barbosa⁴⁸. O guri se saiu muito bem, mas estourou o pulso, teve que operar o pulso, aí terminou com o guri. Ele existe ainda, ainda joga, mas não tem mais nada. E depois que ele pegou o Guga. O Guga era um guri fraquinho e ele tinha o Taro⁴⁹ que eu treinava, que ganhava do Guga de 6-1/6-2, 6-1/6-0. Nunca perdeu para o Guga, ele era um fenômeno esse guri que eu treinava, um que eu dava preparação física para ele.

L.D. – Qual era o nome dele?

A.M. – Fabrício Taro. Foi até feito um congresso no Rio. Me levaram lá para falar sobre o trabalho que eu fazia com ele, porque ele ganhava de todos os guris da idade dele, 6-0/6-1. Depois subiu a cabeça. Depois de mais idade, virou esculhambação e tal. Não aceitou a derrota da idade, porque, no início que um guri treina, é habilidade. Tudo é habilidade, que a criança pequena imita fazer e tem habilidade. Então ele pode ser o melhor do Brasil, rápido com habilidade. Mas depois quando ele chega aos 14, 15 anos, entra a força e os outros que são fortes passam a massacrar ele, porque são forte. Ele pode até ganhar, pode até vencer a habilidade da força, porque os outros tem um pouco de habilidade e muita força e esse tem mais habilidade que força. Então nesse choque de trabalho, às vezes, acontece que o cara que tem mais força, mais saúde, ganha do que tem mais habilidade e a habilidade vai terminando porque vai entrando uma série de coisas: hormônio de crescimento e tudo e o pessoal, às vezes, não aceita. Um guri que aos 10, 12 anos ganha muito, ele não aceita depois, aí ele passa a fazer [palavra inaudível], musculação, uma

⁴⁷ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

⁴⁸ Nome sujeito a confirmação

⁴⁹ Nome sujeito a confirmação

fuga. E foi o que aconteceu com esse guri que era um dos melhores. Já aconteceu isso com o Guga também, porque o Guga antes era fraco e não tinha muita habilidade, mas, quando ele botou força com um pouco da habilidade que ele tinha, ele passou a ser o melhor do mundo. Somou as duas coisas, se igualaram e o Larri teve esse mérito de ter forçado, ter feito o cara ficar com os movimentos perfeitos e com muita força e o cara passou a ser o melhor do mundo.

L.D. – [palavra inaudível].

A.M. - É fácil falar, mas difícil fazer [riso]. E depois eu passei a ser também preparador das seleções infanto-juvenis do Brasil. Eu fui [palavra inaudível] assim, viajava com a gurizada, ia para Brasília. Uma vez fui cumprimentado pelo presidente Geisel⁵⁰. Uma vez, no vôlei fui cumprimentado pelo Juscelino⁵¹, pelo Jango⁵². Então assim estive, governadores. A gente ia jogar no Ceará⁵³, a gente era recebido pelo governador. A equipe do Brasil foi também recebida pelo presidente da Argentina. Quando nós fomos lá - estávamos no Palácio - estouraram uma bomba e desapareceu todo mundo, ninguém falava mais conosco. Nós estávamos sozinhos naquela baita sacada, casa rosada, na época da revolução lá na Argentina. Estourou uma bomba, desapareceu secretário, governador, Presidente da República, desapareceu todo mundo, ficou lá os brasileiros andando assim, com a sala vazia. Nós terminamos saindo, porque os repórteres se foram [riso], ficamos lá parados. Na época do Pichonet⁵⁴, eu também estive no Chile. Teve uma fase que foi engraçada: nós saímos de noite e foi passando o horário e nós estávamos Sheraton Hotel - e é aqui assim, passa um rio aqui e o Sheraton fica aqui - nós estávamos do outro lado da cidade e, quando deu onze e meia, eu disse: “Vamos embora tchê. Meia-noite não pode andar ninguém na rua, porque eles metralhavam quem andava na rua.

L.D. – Ai que horror.

⁵⁰ Ernesto Geisel, presidente da República de 1974 a 1979

⁵¹ Juscelino Kubitschek de Oliveira, presidente da República de 1956 a 1961

⁵² João Belchior Marques Goulart, presidente da República de 1961 a 1964

⁵³ Estado Brasileiro

⁵⁴ Augusto José Ramón Pinochet Ugarte, presidente do Chile de 1973 a 1990

A.M. – Metralhavam mesmo, os carros tinham que andar devagarzinho com uma bandeira branca e com as luzes acesas. Se tivesse que levar uma mulher para o hospital à meia-noite, não podia. E nós estávamos lá do outro lado tentando pegar um táxi e ninguém queria nos levar. Nós tivemos que correr esse rio que tinha aqui. Entramos em uma rua, corremos, corremos. Chegamos na rua e os caras aqui, tudo olhando para ver se a gente chegava, para atravessar não dava. Então nós tivemos que correr. Aqui tinha uma praça do Ghandi, tinha que correr aqui, fazer a volta e chegar aqui. Porque para estrangeiro não tinha conversa.

L.D. – E conseguiram?

A.M. – Conseguimos com meio metro de língua para fora [riso]. Chegamos lá. Os países da América, o país, a América do Sul, um país de pólvora, um canhão de pólvora. Eu ia para a Colômbia, para a Bolívia. Na Colômbia os caras matando, dando tiro perto da gente, revistando todo mundo, prendendo todo mundo e nós lá jogando tênis. E a outra coisa que eu achei é que o esporte abre as portas para a gente. Eu estive em países, estive em lugares que eram muito preconceito e para mim não acontecia nada. Por exemplo, eu estava nos Estados Unidos e tinha uma universidade que era só de branco, outra só de preto e outra misturada. Eu ia na de brancos e não aconteceu nada comigo, porque o esporte me deixava lá.

L.D. – Abriu caminhos.

A.M. - Outra vez também eu estava, fui em um bar lá, eu e o Thomas, comer cachorro quente e os caras começaram a mexer com ele porque era um bairro mais de negro. Eu podia porque era preto, ele não, porque era branco, mas nós queríamos cachorro quente e eu dizia para o cara que nós éramos estrangeiros. E os caras começaram a mexer. Aí veio uma cara e disse para mim: “Você pega o seu amigo e leva ele daqui porque se não vai dar problema”. Não comemos nada. Eram assim, os preconceitos que existem.

L.D. – E como que foi... Foi um dos únicos alunos negros que a gente entrevistou.

A.M. – É.

L.D. – Te lembra de mais alguém?

A.M. – Preto assim?

L.D. – É.

A.M. – Tinha gurias pretas.

L.D. – Te lembra?

A.M. – Me lembro de uma que era campeã de corrida. É, tinha, mas nunca foi muita gente preta. A minha família foi meio engraçada, meu irmão tirou engenharia em Rio Grande⁵⁵. Também foi um dos primeiros da turma. Até na formatura os caras, deram, para não deixar ele ser o primeiro, tiraram uma nota dele [riso]. Porque eram as primeiras turmas de pretos. Meu pai era [palavra inaudível] preto, eu sou meio parente do Carlos Santos, que também era negro aqui. Minha irmã também se formou. Parece que os primeiros pretos eram meio lentos em certas coisas, não tinham muitas chances, não sei. Na educação física tinha gente muito boa, mas bom, depois saiu, depois se formou. Depois abriu o IPA⁵⁶. Quando abriu o IPA, deu uma certa liberdade, muita gente passou a estudar, a entrar no IPA porque o IPA era pago e aqui era de graça. Aí os caras que podiam pagar entraram. Mas aqui, deixa eu ver. Olha, tinha preto, mas era assim, tu vê nos meus negócios, preto está duro. Deixa eu ver esse aqui, eu tenho o presidente Tom, Tomas Costa⁵⁷ cabeludo.

L.D. – [palavra inaudível].

A.M. - É que o tênis é um esporte de brancos, era branco, só tinha branco. Esse aqui nós jogamos na Venezuela [entrevistado mostra fotos antigas].

L.D. – Quem era este aqui?

⁵⁵ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

⁵⁶ Instituto Porto Alegre - Rede Metodista de Educação do Sul.

⁵⁷ Nome sujeito a confirmação

A.M. – Tinha o Ademar Ferreira. Este era um jogador de basquete, preto, famoso, era o Calungano⁵⁸. Tu vê, a equipe internacional tinha esse guri aqui e esse aqui, o “sarará”, esse aqui era roupeiro, não tinha preto. É que antigamente, só o que é essa seleção aqui de tênis, toda essa turma em 1971, em 1975. Olha aqui, não tinha preto, aqui ó, o único preto era eu.

L.D. – Tu participaste da Universiade?

A.M. – Participei da Universiade.

L.D. – Como jogador?

A.M. – Não, como preparador, fazendo massagem também.

L.D. – Na Diná⁵⁹, na Diva⁶⁰?

A.M. – Isso, a Diná jogava vôlei, a Diva jogava vôlei, a Schimit⁶¹ jogava vôlei. Tinha a Gonçalves⁶² que se formou aqui também, ela se casou com esse aqui.

L.D. – Gonçalves?

A.M. – É, Marlene Gonçalves, se casou com esse. Tinha o Cláudio⁶³, esse aqui também tirou educação física, o Cláudio. Esse é pai do Berind⁶⁴. Esse que é o melhor jogador, está na Alemanha, joga pela Alemanha agora, é de Novo Hamburgo ele [mostrando fotografias].

L.D. – Cláudio?

⁵⁸ Nome sujeito a confirmação

⁵⁹ Diná Pettenuzo Santiago

⁶⁰ Diva Santiago Corrêa

⁶¹ Nome sujeito a confirmação

⁶² Provavelmente referindo-se a Maria Dalva Cabral Gonçalves

⁶³ Nome sujeito a confirmação

⁶⁴ Nome sujeito a confirmação

A.M. – Berind. Esse Cláudio Berind tirou farmácia e depois fez educação física e mora em Novo Hamburgo. Olha, tu podes ver a ausência de negros aqui, a raça não era, quer dizer, não é que não. Esses esportes, basquete tinham poucos, aqui tu podes ver que tinham dois, mas não eram titulares e aqui também no voleibol a mesma coisa. A equipe do Leopoldina, essa equipe aqui, Tomas Coque, Enio Moreira, esse aqui [palavra inaudível] era uma equipe, ganharam a primeira classe, eram os melhores do estado, do brasileiro até, e eu era o técnico. Aqui, Mandarino e Tomas Coque, Gusmão⁶⁵ que era da Venezuela. Assim, eu acho que realmente os pretos que eram, aqui cumprimentando [falando sobre uma das fotos] sabe, realmente assim. Depois começou. Aqui eu e o Tomas conversando. Esse aqui é um guri que estou treinando agora. Eu fui lá no clube, eu treino esse guri. O pai dele gasta dinheiro de montão, o pai dele paga para ele ir aos melhores técnicos do mundo. Então manda ele para o [palavra inaudível] e esse gurizinho vai. Está jogando bem. Esse aqui também.

L.D. – E o senhor lembra daqui da Escola assim?

A.M. – Depois eu vim para cá. Quando nós viemos para Escola, a gente chegou, abriram a Escola e a gente entrou. Faltava mesa, faltava cadeira, a gente sentava no chão, tinha só o ginásio que era bom e os professores assim. Então os professores faziam assim, aqui dava basquete, aqui vôlei, aqui futebol, aqui não sei o que.

L.D. – Tudo dentro do ginásio?

A.M. – Ou então um fazia... O dia que uma dava ginástica aqui nesse canto, a outra dava ginástica lá, a outra só batia bumbo para não atrapalhar com o som, outro dava uma palestra em uma roda aqui, explicando ginástica de aparelho que a gente tinha que pular, se atirar.

L.D. - E como se fazia para namorar?

A.M. – Aqui, para namorar? Lá no ACM era mais difícil, o pessoal se metia dentro da sala, namorava escondido e chamava as gurias, tinham umas mulheres, cuidavam as alunas, era

⁶⁵ Nome sujeito a confirmação

uma coisa. Agora aqui ficou mais livre, porque tinha um mato brabo [risos]. Então namorava na sala, namorava [palavra inaudível] no meu tempo. Faz tempo, mas não tinha motel. Então os caras não... A Universíade, por exemplo, teve no ginásio, no baile da Universíade, no encerramento da Universíade. E, na Universíade, aconteceu quinhentas coisas. O cara namorou a Marilu⁶⁶, um cubano, fugiu, tivemos que vestir ele de mulher, botar ele por uma janela, depois sair com ele.

L.D. – Tu fez isso?

A.M. – Ajudei lá, mais ou menos, indiretamente. O cara se vestiu de mulher e veio escondido, dos cubanos tudo. Os cubanos eram bravos e os caras de Cuba tudo queriam fugir de Cuba, por que Fidel Castro estava prendendo os caras. Deixava vir, mas tinha que voltar todo mundo e o americano [palavra inaudível], vem para o país, entende, Fidel Castro não deixava. Então era uma briga. Então esse cara, esse cubano se apaixonou pela Marilu, que jogava vôlei, arremessava disco e tal. Aí nós fizemos para ele ficar aqui. Então foi aquele [palavra inaudível] e me chamavam e ajudando todo mundo e tal. Então foi aquela correria, todo mundo escondendo o cara. Depois teve o baile da Universíade no encerramento também, mas aí o que o cara fazia, o cara namorava e beijava e tinha a redenção⁶⁷. Saía do baile e ia para a redenção, dava uma volta e voltava. Sabe, não era muita liberdade. Eu morei na casa do estudante e tinha a casa da “estudanta” também.

L.D. – Era separado?

A.M. – Era separado. Então a casa da “estudanta” também era. As gurias... Ao sábado tinha baile na casa do estudante [palavra inaudível] e os caras bebiam, vendiam, era uma renda para a casa porque a gente que coordenava.

L.D. – Aonde que foi?

⁶⁶ Nome sujeito a confirmação

⁶⁷ Parque Farroupilha, doado a cidade em 24 de outubro de 1807 pelo governador Paulo José da Silva Gama

A.M. – Era na Riachuelo⁶⁸, está até hoje lá. Não tinham feito a nova ainda. Quando chegava onze horas, dizia: “Bah, quero dormir. Vamos acabar com esse baile. Onze horas. Amanhã, tenho que estudar para amanhã”. Porque o negócio era estudar. O cara chegava e dizia que ia acabar com esse baile: “Não vai rapaz. Para aí! Para aí! Vamos acabar que está na hora”. Aí tirava as calças e ia de cueca para o salão e as velhas que estavam com as gurias diziam: “Ih, começou!” [risos].

L.D. – [palavra inaudível].

A.M. – Era uma confusão. Mas não podia entrar as gurias no quarto.

L.D. – Tu usava uniforme aqui a Escola?

A.M. - Não, tinha uma camisa. É, não. Era calção preto.

L.D. – Isso era obrigatório?

A.M. – Era obrigatória. Tinha uma camisa, que podia ser física ou camisa simples. A gente usava, a gente fazia uniforme, a gente fazia [palavra inaudível], a gente fazia uma bolsa e tal. Todo mundo da educação física. O chapeuzinho da ESEF era umas argolas aqui assim, uma fita que fazia a volta com um negócio meio caído e um pano aqui atrás, azul e amarelo que eram as cores da Escola, porque eram olimpíadas [palavra inaudível], eram os chapéus de bixo. Mas tu calculas só uma coisa: eu era o único negro e tu calcula o que eu fervia, todo mundo namorava e tal. Eu ia para o baile, andava na rua, tirei o chapéu no último dia. Hoje não precisa mais usar chapéu, eu ainda usei e tirei. Porque aquilo ali me dava status, entrava no bonde [palavra inaudível] educação física.

L.D. – Tinha status quem estudava aqui?

A.M. – Claro, estudava, porque não tinha muito universitário. Calcula 50 ou 40 anos atrás, não tinham muito preto na universidade. Os pretos, a gente ia nos baile com todo mundo, dançava com quem queria [riso]. Era a melhor coisa, mas a gente se dava bem.

⁶⁸ Rua do Centro de Porto Alegre

L.D. – E o senhor se lembra de como que era a relação de quando o senhor foi aluno em relação com os professores?

A.M. – É, porque era muito militar. A Escola era quase todos militares. Coronel Moreira⁶⁹, Coronel Targa⁷⁰, Coronel Ruy Gaspar Martins, médico fulano de tal, sabe. Porque a Escola foi formada mesmo dentro da brigada e quem dava aula... Coronel era o mais graduado. Então assim, professor no mundo civil eram mais as mulheres e as professoras mulheres eram rígidas, eram rígidas com as gurias, o negócio era meio militar assim. Por exemplo, tu tinha que entrar na aula às 07:00 horas. Às 07:15 tinha que entrar em aula, às 07:15 “pí”, não entra mais ninguém, tu ficava louco, ficava na porta, não entra, falta, pode até assistir a aula, mas é falta, entende. E tinha uns professores assim, que, até por mérito deles, a Escola subiu. Os caras se preocupavam muito com fardamento, com o comportamento. A gente jogava e não podia estar brigando, era um monte de coisas assim.

L.D. – E, quando tu participou do Diretório Acadêmico, como que era a relação da direção?

A.M. – Não, a minha participação... No início eu fui meio assim, porque o Diretório Acadêmico era só briga com o diretor.

L.D. – Só briga?

A.M. – É, eles queriam sempre tirar o diretor e aí era uma briga.

L.D. – É, tirar [palavra inaudível].

A.M. – E era mais ou menos [palavra inaudível] secretário de segurança, depois o Diretório Acadêmico já ficou mais tranqüilo, já não tinha mais essas coisas. Então eu fazia campeonato, fazia olimpíada, fazia o campeonato daqui. Depois o Diretório Acadêmico passou até a auxiliar outros a fazer. Ficou mais tranqüilo, já não era tão assim. A outra coisa também que eu acho que a Escola, quando veio para cá, nós fazíamos também... O

⁶⁹ João Gomes Moreira Filho

⁷⁰ Jacintho Francisco Targa

atletismo era feito na SOGIPA⁷¹. É que se valia dos clubes, a Escola de Educação Física. O atletismo era feito na SOGIPA a natação era feito no Petrópolis.

L.D. – Mas aqui chegou a ter um tanque, não chegou? Um tanque de natação.

A.M. – Não, acho que não. No meu tempo, acho que não. A gente usou o Petrópolis, continuou usando o Petrópolis. Depois fizeram, não porque tinha uma verba para construir a natação lá e construíram um prédio a toque de caixa, aquele ali. Era só aquilo e o ginásio, e a Escola foi mandada do ACM embora, “vai” [risos]. Foi mandada embora. Tu já viu que nós estávamos meio assim. Porque eu interrompi... Eu comecei a fazer educação física, aí não conseguia presença, uns negócios lá e saí fora. Quando eu quis voltar, não quiseram, eu tive que botar um processo contra a Escola, mas é um processo não na justiça e sim pedindo para o conselho. E o conselho teve que se reunir e, dentro do conselho, tinha uns que não queriam que eu voltasse. Era eu, a Iara⁷² e outros que tinham interrompido.

L.D. – Iara?

A.M. – É, Iara Carvalho, sei lá o nome da professora, já bem idosa, mas estava tirando educação física. Então, era eu, a Iara, um monte de gente lá e resolveram dar ganho de causa para um outro cara. Aí nós entramos pedindo para o conselho aqui e o conselho aprovou [palavra inaudível]. Eu já tinha, já estava fazendo outras coisas e voltei para tirar educação física e me formei, porque precisava do diploma. Porque eu ia para os Estados Unidos e ia precisar para os países.

L.D. – E quando é que tu te formaste então?

A.M. – Acho que me formei em 1969.

L.D. – Em 1960 eram três anos?

⁷¹ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

⁷² Nome sujeito a confirmação

A.M. – Era, três anos.

L.D. – Aí tu saíste.

A.M. – Parei! É, saí. Depois tentei voltar, deixaram eu voltar e concluí. Eu tinha feito o primeiro ano já. Já estava no segundo. Eu fui também nos jogos Pan-americanos.

L.D. – Em que ano?

A.M. – Fui também técnico do Brasil nos jogos Pan-americanos. Conhecí um monte de gente. É que a educação física para mim abriu as portas do mundo, a África, um monte de lugar. Conheci, cubanos, conheci um monte de gente. Então a gente viu o esporte no país deles, o que a gente fazia bem, o que fazia mal, falava com o pessoal, porque fazem aqueles prédios só para coisa, outro só para feminino. Aqui nós do Brasil, nós ficamos em um hotel, a seleção brasileira, eu sempre ficava junto. Então assim, esses Pan-americanos sempre foram muito importante a gente participar e eu participava sempre. Então, com a educação física, eu me senti bem porque eu ganhei dinheiro com isso, eu comprei carro, comprei casa, comprei apartamento, comprei outro apartamento.

L.D. – Sim para a gente ficar...

A.M. – Quer dizer que, dentro do esporte, eu conseguí ganhar dinheiro, porque eu fiz, eu procurei sempre fazer as primeiras coisas, eu fui o primeiro a fazer, a dar educação física no tênis. Não tinha método da educação física, nem os caras faziam corrida e pulavam corda. Nunca pretendia chegar lá em cima e a gente começou e comecei a dar. A minha física chegou a ser dada nos Estados Unidos, a minha física foi dada na Argentina. O Vilas se favoreceu da minha física, a Colômbia se favoreceu da minha física, os chilenos, o Equador se favoreceram da minha física. Eu dei uns negócios escritos para eles, correspondi com preparadores físicos dos outros que não tinham. A massagem, eu iniciei fazendo massagem no tênis, eu só fazia massagem em sauna, eu fiz massagem esportiva. Eu me preocupei em dar sal para o cara, para não suar muito, sal com canela, sal com mel, eu me preocupava com esses negócios e ninguém muito se preocupava com isso. Por isso que o Thomas falava - a gente é amigo até hoje - mas ele sempre falava isso. Para ele foi

muito bom, porque ele resolveu, por ele também não gostava muito de fazer física e depois ficou fazendo. Eu tive contato assim, com o aquele que era o [palavra inaudível], aquele que fez o Benhur, convidou eu e o Thomas para parar na casa dele.

L.D. – Ai que legal.

A.M. – É, ele insistiu, mas nós não podemos ir porque o Thomas estava ganhando o torneio e a gente não pode. Eu tive contato assim, com caras, por exemplo, esse banco, o HSB...

L.D. – HSBC.

A.M. – É, esse aí, parece que ele é do [palavra inaudível]. O Tiraque⁷³ foi um cara da Romênia, também fez a minha física lá, eu fazia massagem nele, pagava por semana nos Estados Unidos. E esse cara era da Fórmula 1, ele correu de Fórmula 1, o cara era bom, e ele treinava na [palavra inaudível] e eu fazia massagem nele e no Anastacio⁷⁴. Eles me pagavam e ele dizia que todos os massagistas eram burros, [palavra inaudível]. Então me diz o nome desse músculo aqui [palavra inaudível], um músculo que a gente tem, eu sabia todos porque eu estudei, eu era fanático por anatomia. Ele começou a me... Ficou contente comigo, então me levava para sair, foi muito legal e ele agora é um milionário do mundo. Eu tive chance de fazer massagem nos melhores caras do mundo, jogadores de tênis, o [palavra inaudível] um chinês ele era um dos melhores do mundo, foi campeão mundial, eu tive chance de fazer massagem no Leivre⁷⁵, foi o melhor, no Borgue⁷⁶, uns caras muitos bons. O Vilas foi campeão do mundo, também eu fiz massagem nele. Então assim, a minha massagem era assim, eu cobrava dez dólares do cara nos Estados Unidos e fazia massagem nos intervalos que eu não estava acostumado. Os caras me pagavam dez dólares. Se ganhassem pagavam quinze, se fosse campeão do torneio me pagavam quinze. Mas eles me davam gorjeta. Teve uma vez que eu ganhei 180 dólares em um dia e a primeira rodada era 100 dólares, quem ganhasse a primeira rodada, eu ganhava 180, fora as gorjetas. Foi 240 dólares em um dia nos Estados Unidos. Bah, saí com os braços pesados [risos], mas

⁷³ Nome sujeito a confirmação

⁷⁴ Nome sujeito a confirmação

⁷⁵ Nome sujeito a confirmação

⁷⁶ Provavelmente referindo-se à Björn Rune Borg, ex-tenista profissional sueco.

eram uns negócios assim... Quer dizer... E tive assim, eu fui - esse caso que eu acho que é o troféu para mim - ser cumprimentado pelo presidente. O Geisel me apertou a mão. Veio, me cumprimentou, me recebeu no palácio. Quando a gente ganhou o Sul-Americano, o Rubem Braga era o ministro da educação. Me entregou uma vez um troféu [palavra inaudível], em Curitiba lá. Ele me entregou uma medalha e tal, e depois lá, quando ele estava no palácio, eu conversei com ele. O Juscelino... Nós fomos jogar vôlei em 1964 e o Juscelino apareceu para apitar. Queriam prender ele, sei lá. Sei que ele apareceu lá e eu falei que era, ele veio e me apertou a mão. Eu disse que era do Brasil, que era gaúcho, que estava com a equipe de vôlei. Aí conversou dois minutos comigo. Os governadores... Olha, o Peraque foi nosso paraninfo.

L.D. – Ah, o Peraque.

A.M. – Ele era da brigada e muito brigadiano. E o Peraque foi nosso paraninfo da turma quando me formei. Ele me cumprimentou quando fui no Palácio. O Jair⁷⁷ me ofereceu uma faca, o Palácio, fui lá recebido [palavra inaudível], por ter me destacado na copa Daves. Eu fui recebido pelo presidente da Argentina, pelo presidente da Venezuela, fui ao Equador, também fui recebido pelos presidentes destes países. É, foi assim, e eu acho que na França fui muito bem tratado. Em Roland Garros eu recebi um carro já pronto, eu andava, eu parava no hotel, tudo pago também, eu participava em uma porção de coquetéis. Dei cursos no Equador, dei cursos no Chile, com preparação física, dei curso na Argentina e dei curso no Uruguai, dei em Brasília. A academia de Brasília queria que eu ficasse permanentemente lá, para mim fugir, eu teria que assinar um contrato para ficar porque os Generais, na época, os caras da academia deviam muito dinheiro no Brasil. O Farani⁷⁸, então o que ele fez, ele fez uma piscina só para os Generais e umas quadras só para os Generais, que eram quem mandavam no país. E os caras agüentavam o país. Mas quem que chegava nos Generais? Então eu parava na academia, eu treinava o Thomas e outros caras e, de manhã, eu levantava cedo, botava uma água bem gelada e, quando os Generais chegavam, eu estava lá, na quadra deles. Falavam com o Padilha⁷⁹, o Coronel Padilha falava com os Generais todos e dava um aquecimentozinho, fazia uma massagem no braço

⁷⁷ Nome sujeito a confirmação

⁷⁸ Nome sujeito a confirmação

⁷⁹ Nome sujeito a confirmação

de um, dava água gelada para outro sabe, e os Generais falavam assim: “Farani, esse aí tem que ficar aqui em Brasília. Ver quanto que ele quer e deixa ele aqui em Brasília”. E, o que um General dizia, era lei Brasil. E eu estava muito bem e uns caras da França, um Consulado, o embaixador da França, trouxe o pessoal que jogava tênis na França e que trabalhava na embaixada. Aí eu dava física para eles e ganhava lá vinte dólares em uma manhã, dava física de uma hora para eles e fazia massagem em alguns e o Farani ficou louco. Ele era o dono da academia, eu estava traindo mesmo o negócio. Então tive que assinar um contrato, ele me dava um carro, me dava um apartamento e colégio para os meus filhos e eu tinha que ir para lá. Tive que assinar um contrato que eu ia voltar, porque não me deixava sair, mas eu vim e não voltei mais é claro [riso]. Mas então assim, eu tive oportunidade com esporte, meu filho é professor de educação física.

L.D. – Qual o nome dele?

A.M. – Paulo Sérgio.

L.D. – Quando ele se formou?

A.M. – Bom, ele se formou... Os dois filhos meus se formaram no IPA. Ele é da SOGIPA, ele é coordenador da SOGIPA junto com Sevario⁸⁰ e a Sabrina⁸¹. Ele também tirou pós-graduação aqui, no tênis com o Balbinotte⁸² e eu tenho outro filho meu que é o Carlos Eduardo que foi campeão de natação. Bateu recorde gaúcho, se formou no IPA. Ele estava no Maranhão⁸³ e agora ele pegou um câncer e teve que voltar. Agora está aqui comigo se tratando, mas ele também é professor de educação física. E a minha filha também é professora e o outro não, o outro é economista. Quer dizer, o esporte abriu as portas do mundo. Eu era lá de Rio Grande. Andar de avião? Que é isso? Nos aviões que eu andei, eu quase caí, quase morri e a gente foi, morou em um monte de lugar.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

⁸⁰ Nome sujeito a confirmação

⁸¹ Nome sujeito a confirmação

⁸² Carlos Adelar Abaide Balbinotti

⁸³ Estado Brasileiro